

As contribuições do movimento negro para se pensar uma formação outra de professores/as

Resumo: Neste ensaio, são apresentadas a sistematização dos saberes da comunidade negra e do Movimento Negro, refletindo sobre suas contribuições para uma formação outra de professores/as, organizada em um conjunto de saberes político-epistemológicos e emancipatórios. Esses saberes podem ser identificados como identitários, políticos e estético-corpóreos. Nilma Lino Gomes evidencia o papel crucial desses atores no processo de ruptura com uma formação centrada apenas na transmissão de conteúdos, que não leva em conta questões de gênero, raça, classe e outras diversidades (Gomes, 2022). Esse conjunto de saberes promove a inclusão e a valorização das diferenças nas práticas pedagógicas, provocando a reflexão sobre modos alternativos de descolonizar pensamentos, discursos e currículos, e reconhecendo os conhecimentos oriundos dos povos originários e afro-descendentes. Os saberes produzidos pela população negra representam uma maneira específica de compreender o mundo, uma racionalidade influenciada pela experiência da raça – vista como uma construção social, histórica e cultural – em uma sociedade marcada pela racialização desde o seu surgimento. Este trabalho tem objetivo de explorar de que forma os saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra e o Movimento Negro podem contribuir para formação de professores/as comprometida com o combate ao racismo e desigualdade.

Palavras-chave: movimento negro; formação de professores; saberes e prática; prática pedagógica.

Weverton Freitas Nascimento

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

wevertonfn@hotmail.com

Laercio Oliveira Simões

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

oliveirasimoeslaercio07@gmail.com

Vânia Cristina da Silva Rodrigues

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

vania.rodrigues@uftm.edu.br

The contributions of the Black Movement to the Thought of External Teacher Training

Abstract: This essay presents the systematization of the knowledge of the black community and the Black Movement, reflecting on their contributions to a different kind of teacher training, organized into a set of political-epistemological and emancipatory knowledges. This knowledge can be identified as identity, political and aesthetic-corporeal. Nilma Lino Gomes highlights the crucial role of these actors in the process of breaking away from training that is centered solely on the transmission of content, which does not take into account issues of gender, race, class and other diversities. This body of knowledge promotes the inclusion and appreciation of differences in pedagogical practices, provoking reflection on alternative ways of decolonizing thoughts, discourses and curricula, and recognizing the knowledge that comes from indigenous peoples and Afro-descendants. The knowledge produced by the black population represents a specific way of understanding the world, a rationality influenced by the experience of race - seen as a social, historical and cultural construction - in a society marked by racialization since its inception. This paper aims to explore how the emancipatory knowledge produced by the black community and the Black Movement can contribute to teacher training that is committed to combating racism and inequality.

Keywords: black movement; teacher training; knowledge and practices; pedagogical practice.

Los aportes del Movimiento Negro pensamiento de la formación docente externa

Resumen: Este ensayo presenta la sistematización de los saberes de la comunidad negra y del Movimiento Negro, reflexionando sobre sus contribuciones a una formación docente diferente, organizada en un conjunto de saberes político-epistemológicos y emancipatorios. Estos saberes pueden identificarse como identitarios, políticos y estético-corporales. Nilma Lino Gomes destaca el papel crucial de estos actores en el proceso de ruptura con una formación centrada **únicamente** en la transmisión de contenidos, que no tiene en cuenta cuestiones de género, raza, clase y otras diversidades. Este cuerpo de conocimientos promueve la inclusión y la valoración de las diferencias en las prácticas pedagógicas, provocando la reflexión sobre formas alternativas de descolonizar pensamientos, discursos y currículos, y reconociendo los conocimientos que provienen de los pueblos indígenas y afrodescendientes. El conocimiento producido por la población negra representa una forma específica de entender el mundo, una racionalidad influenciada por la experiencia de la raza - vista como una construcción social, histórica y cultural - en una sociedad marcada por la racialización desde sus inicios. Este trabajo pretende explorar cómo el conocimiento emancipador producido por la comunidad negra y el Movimiento Negro puede contribuir a una formación del profesorado comprometida con la lucha contra el racismo y la desigualdad.

Palabras clave: movimiento negro; formación del profesorado; conocimientos y prácticas; práctica pedagógica.

Introdução

O Movimento Negro Brasileiro, ao longo da história, tem desempenhado um papel primordial na luta por igualdade racial e combate ao racismo estrutural que permeia toda a sociedade brasileira. Tem atuado para promover a valorização da história e da cultura afro-brasileira nas instituições de ensino, bem como para garantir que as escolas e universidades sejam espaços mais acolhedores e seguros para estudantes negros/as. O Movimento Negro para Nilma Lino Gomes (2017) se caracteriza por ser um grupo que pode estar inserido em vários contextos, como político, religioso, cultural, artístico entre outros, ele se faz presente onde se tem a necessidade de atuação deste grupo para o propósito a luta contra o racismo e a discriminação racial.

Gomes (2017) posiciona este movimento como produtor e articulador “[...] dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos” (Gomes, 2017, p. 16). “O Movimento

Negro é um educador” (Gomes, 2017, p. 13) porque (re)educa a si mesmo, (re)educa a sociedade, o Estado, a educação. Se recria e se ressignifica no próprio processo de luta, com a comunidade e para comunidade negra.

Ao problematizar a importância do Movimento Negro para educação, Gomes (2017) assume a pedagogia das ausências e das emergências como ferramenta para avanço teórico-epistemológico. Além disso, posiciona o Movimento Negro como um modelo de estruturação política e de força social e um importante interventor entre a população negra e as estruturas governamentais, escola básica e instituições de ensino superior.

Quais os saberes produzidos pelo Movimento Negro? Os saberes produzidos pela comunidade negra e pelo Movimento Negro podem contribuir para se pensar a formação de professores/as a partir de uma perspectiva anti-racista? Essas questões são pertinentes tendo em vista que a realidade das escolas brasileiras revela a persistência do racismo estrutural e da exclusão de pessoas negras no sistema educacional. Os índices de evasão escolar (Conceição; Schwengber; Moraes, 2021), o baixo desempenho acadêmico e a falta de representatividade são apenas alguns dos desafios enfrentados pelos estudantes negros em nosso país, no que se refere a formação docente podemos destacar a precária inserção da temática étnico-racial nos cursos. Nesse sentido, é imprescindível que os professores estejam preparados para lidar com essa realidade, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade.

É importante ressaltar que pensar as contribuições do Movimento Negro para formação de professores não se trata apenas de uma questão de justiça social, mas também de ação e intervenção pedagógica. A diversidade é um fator enriquecedor do processo educativo, pois permite que os alunos se sintam representados, valorizados e motivados em suas aprendizagens. De acordo com Santana (2021), é imprescindível apresentar as escolas uma literatura em que os principais personagens das histórias, contos e fábulas, sejam negros e negras, no qual os heróis e heroínas se parecem com eles, crianças e jovens, para que se inspirem em pessoas que se assemelham às suas realidades.

Portanto, investir na formação de professores sensíveis e comprometidos com as questões raciais é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Assim, este trabalho tem o objetivo de explorar de que forma os saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra e o Movimento Negro podem contribuir para uma formação de professores compromissada com o combate ao racismo e desigualdade.

Formação docente: que saberes?

A formação de professores é um instrumento inevitável para reconstrução da sociedade moderna, tendo em vista que esses espaços formativos têm grande contribuição na construção de identidades de educadores sensíveis e envolvidos na mudança social nas instituições de ensino.

Conforme Pimenta (2005), a formação docente compreende a formação inicial e continuada, porém transpõe em outras duas perspectivas que são a autoformação e a formação nos ambientes educacionais. A princípio, a autoformação vai ao encontro de uma reflexão crítica, se dá pela conscientização de que o ambiente escolar é mutável e que todos participam desse processo.

Outra perspectiva, é a de formação nas instituições em que o trabalho coletivo se dá pela discussão e debate perante as questões que surgem através da própria instituição de ensino. Sabendo que a formação de professores é mutável e de qualificação profissional, aberta para novos saberes e conhecimentos advindos de movimentos sociais, que reivindicam direitos e espaços, para tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Sabemos que a prática docente está intrinsecamente ligada aos processos científicos, originados de pesquisas, formulação de teorias e abordagens que se desenvolvem nos ambientes acadêmicos, de forma que a formação para a docência implica na fusão do saber teórico com a prática, numa escolha que ocorre dentro de um contexto político e ideológico. Nesse sentido, a formação docente compreende quatro dimensões fundamentais: legal, conceitual, política e pessoal. A dimensão legal aborda os aspectos jurídicos e regulatórios da profissão docente, garantindo seu funcionamento e conferindo legitimidade e reconhecimento social aos professores (Nóvoa, 1999). O Estado, ao regulamentar a profissão, define os formatos, profissionais e locais específicos de formação, enquanto as instituições de ensino superior têm a responsabilidade de desenvolver pesquisas e organizar conceitos para sustentar teoricamente a prática docente.

A docência está intimamente ligada aos procedimentos científicos e à integração do conhecimento teórico com a prática, envolvendo escolhas individuais dentro de um contexto político e ideológico. A dimensão política da formação docente relaciona-se aos posicionamentos políticos do docente diante das demandas da profissão e sua participação em sindicatos e seu engajamento político, refletindo-se na compreensão da educação e da prática docente pelos sujeitos em formação.

Além disso, a experiência profissional desempenha um papel fundamental na formação docente, integrando o conhecimento teórico com a prática ao longo da trajetória profissional, portanto, a formação docente deve se comprometer com a função social da prática educativa, buscando uma abordagem educacional contextualizada e crítica durante e após a formação inicial do professor/a.

Tendo em vista que a construção dos saberes tem várias fontes, além do conhecimento específico da disciplina que o professor vai lecionar e, não se inicia e nem se completa com a formação inicial, autores como de Shulman (1986; 1997; 2005), Tardif (2007), Imbernón (2006) e Gatti (2009) têm problematizado a importância e a necessidade de outros conhecimentos, além dos específicos, para a formação docente, tais como o conhecimento do contexto e dos alunos, de ética, política, cultura dentre outros. “Apresentam outros saberes necessários à formação docente que possibilitam, ao professor, compreender o conjunto de elementos envolvidos na prática de ensino” (Rodrigues, 2019, p. 133).

Nesse sentido, Tardif (2007, p. 60) destaca que os saberes docentes englobam “[...] os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que muitas vezes chamamos de saber, saber-fazer e de saber-se”. Esses saberes provêm da formação escolar, do contato com colegas mais experientes e das experiências pessoais vividas nos mais diferentes espaços sociais nos quais esses professores transitam.

O saber dos professores é um saber social, pois segundo Tardif (2007) a maneira de ensinar do professor/a sofre influências de fatores como o tempo e as mudanças que atravessam a sociedade. Isto porque, os saberes utilizados pelos professores no exercício da profissão, segundo o autor, não são constituídos somente a partir de sua formação inicial, mas se fundamentam nas suas experiências de vida e nas experiências adquiridas na profissão.

Os saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional se dá como um filtro, permitindo aos professores selecioná-los traduzi-los novamente quando são submetidos ao processo de validação constituído pela prática pedagógica. Ao destacarem os saberes docentes, saber-fazer e saber-se, na perspectiva de Tardif (2007), qual *saber*, para qual *fazer* e qual modo de *ser* constituem esses saberes docentes?

Shulman (1986; 1997), por sua vez, propõe a existência de categorias de conhecimentos que seriam inerentes à formação do professor, e que sem elas o exercício da docência ficaria comprometido, a saber: o conhecimento do conteúdo; o conhecimento geral de didática; o conhecimento do currículo; o conhecimento didático do conteúdo; o conhecimento dos alunos; o conhecimento do contexto e o conhecimento dos objetivos, finalidades e valores educativos, além de seus fundamentos filosóficos e históricos.

Ao discutir a profissão docente, Imbernón (2006) afirma que esta não deve ser unicamente técnica, cuja atividade se resume à transmissão de conhecimentos acadêmicos. A formação do professor deve distanciar-se do modelo acadêmico conteudista. Quando os professores ponderam sobre o que ensinam, como ensinam e para quem ensinam nos seus processos de formação, eles compartilham, de acordo com Shulman (2005), suas bases de conhecimento (conhecimento específico, conhecimento pedagógico geral e conhecimento pedagógico do conteúdo). Assim, os conhecimentos da prática, tidos como “propriedade dos professores” e anteriormente subestimados em relação aos demais conhecimentos, ganham destaque e é possível abrir caminhos para problematizar outros saberes.

A proposição de mudanças na formação de professores, por meio de um projeto curricular que contemple a diversidade, torna-se um grande desafio para as instituições formadoras, desafio este que tem sido destacado por autores como Bernadete Gatti.

No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em currículos articulados e voltados a esse objetivo precípuo. A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria à

escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil. (Gatti, 2010, p. 1375).

Nesse sentido, Gomes (2005) destaca que para as instituições de ensino desenvolverem conhecimentos relacionados à diversidade racial, realidade social e cultura é necessário que os profissionais da educação entendam que o procedimento pedagógico também é formado por características como a diversidade, gênero, culturas, diversas identidades, relações raciais, entre outros. Trabalhar com essas características não quer dizer que vão mudá-las para conjuntos de habilidades e valores educacionais, mas serem sensíveis para as transformações que são constituídas na formação humana nos ambientes escolares e na sociedade.

Metodologia e procedimentos

Este trabalho metodologicamente classifica-se como pesquisa de natureza reflexiva e interpretativa, de caráter qualitativo, pois busca aprofundar a temática com base em articulações teóricas. Assim, este ensaio se propõe a explorar de que forma os saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra e o Movimento Negro podem contribuir para uma formação de professores compromissada com o combate ao racismo e desigualdade.

Para a compreensão e aprofundamento das inquietudes que impulsionaram este estudo lançamos mão dos trabalhos de Gomes (2005; 2006; 2017; 2020; 2022) a partir de trabalhos que têm problematizado a importância e a necessidade de outros conhecimentos, além dos específicos, para a formação docente.

Saberes do movimento negro educador para se pensar um outra formação de professores

Segundo Gomes (2020; 2022), Movimento Negro é um importante ator político no processo de luta antirracista e de reeducação da sociedade, do Estado e da universidade. Ao analisar o Movimento Negro a partir das suas práticas e intervenções, a autora destaca que o movimento tem sistematizado um conjunto de saberes político-epistemológicos e emancipatórios que podem ser identificados como identitários, políticos e estético-corpóreos.

Com a forma pela qual esses saberes diferem do saber científico e podem ser entendidos como “uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social” (Gomes, 2017, p. 67). Segundo Rizzo e Fonseca (2022, p. 16) esses “saberes surgem quando da intervenção social, cultural e política de negras/os ao longo dos anos em uma sociedade racializada e desigual, em outras palavras, a partir dos processos de busca por produzir e reproduzir a existência”.

Os saberes identitários estão relacionados com a forma com a qual o Movimento Negro reposiciona o debate sobre identidade e, principalmente raça que passa a ser vista como uma dimensão estruturante das relações sociais no país colocando em xeque o mito da democracia racial, nesse sentido a autora destaca que “[...] o Brasil vai compreendendo que ser negro e negra e afirmar-se enquanto tal é um posicionamento político e identitário que desconforta a elite e os poderes instituídos” (Gomes, 2017, p. 70-71) abre espaço para uma outra visão da questão racial e reafirma de maneira positiva a identidade negra.

Quando a formação de professores se aproxima dos saberes identitários, pode propiciar o reconhecimento de autores e autoras negras marginalizadas pelo currículo, além de possibilitar a valorização da diversidade cultural e étnico-racial nas práticas pedagógicas. Esse processo de identificação e levantamento principalmente com o reposicionamento da raça faz emergir os conhecimentos produzidos por grupos minorizados (Kilomba, 2008) e desafia as narrativas tradicionais e hegemônicas, permitindo que esses conhecimentos marginalizados sejam valorizados e reconhecidos como legítimos.

Segundo Arroyo (2003, p. 41) “os movimentos sociais nos pressionam para reconhecer que a cultura é um componente central da formação, da compreensão dos processos sociais e educativos”. A cultura não é apenas um conjunto de práticas e expressões artísticas, mas também molda nossa identidade, valores e visão de mundo. Quando incorporamos a diversidade cultural nas práticas educativas, enriquecemos o aprendizado e promovemos uma sociedade mais inclusiva e consciente. Convém ainda, destacar que essa valorização é essencial para uma sociedade mais justa e inclusiva, pois amplia a diversidade de perspectivas e experiências que podem enriquecer e transformar a forma como pensamos e agimos.

Todo esse movimento, gera um outro tipo de saber, os saberes políticos, que se recolocam com a nova concepção ressignificada de raça, desvelando outras camadas invisibilizadas e pressionando o Estado e a educação com políticas públicas institucionalizadas que contemplem a comunidade negra. Tais como Lei 12.228/10 (Estatuto da Igualdade Racial), a Lei 12.711/12 (Lei de Cotas), Lei 12.990/14 (Cotas nos Concursos Públicos Federais) e a Lei 10.639/03 (Obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo).

Os saberes políticos podem ser considerados “como aqueles que reeducaram as identidades, a relação com a corporeidade e a própria ação política dentro e fora do Movimento Negro” (Gomes, 2017, p. 73). Além disso, podem contribuir para problematizar as desigualdades e as diversidades raciais. Nesse sentido, Rizzo e Fonseca (2022, p. 20) destacam que esses saberes “[...] propõem novos ordenamentos para os próprios processos de produção do conhecimento”, como exemplo destacam que o Movimento Negro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que foi capaz de tensionar a questão racial na universidade através de exigências por “[...] mudanças político-epistemológicas, como o estabelecimento de uma política específica de formação docente para as relações étnico-raciais”

Dentre os saberes sistematizados, o político tem maior impacto na organização das políticas educacionais de formação docente, sendo uma forma materializada da ânsia por justiça como norma institucional. Tensionando uma disputa pela prática pedagógica, currículo e plano político pedagógico, uma norma que sustenta uma ação intencional e consciente de produção de conhecimentos outros e configurações outras de normas importantes no pensar da formação docente. Não implica uma implementação efetiva ou funcionamento dessa norma que esbarra em diferentes camadas de articulação de um espaço branco que se organiza de forma a recolocar essas normas a seus privilégios e ganhos.

Os saberes estético-corpóreos se referem “às questões da corporeidade e da estética negras” (Gomes, 2017, p. 75), vem para transpor a ideia de exótico e a erotização do corpo negro, uma vez que diferentemente das décadas de 70 e 80 a politização do corpo a partir anos 2000 ganha uma nova dimensão social, tendo em vista a ocupação de espaços (universidades, centros administrativos, ministérios do governo, cargos políticos e públicos) que

antes era majoritariamente ocupados pela branquitude. Desse modo, segundo Gomes (2017, p. 79) os saberes estético-corpóreos “dizem respeito não somente a estética da arte, mas a estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo”.

Um/a professor/a que compreende o propósito de sua aula em relação à formação do aluno/a, que reconhece como sua aula contribui para essa formação, que compreende o significado de sua ação, tem uma abordagem pedagógica distinta: ele responde às necessidades do aluno, incentiva seu aprendizado, acompanha seus interesses e se empenha em facilitar a aprendizagem, acreditando na sua importância para o aluno.

As práticas pedagógicas deverão se reorganizar e se recriar a cada dia para dar conta do projeto inicial que vai transmutando-se à medida que a vida, o cotidiano, a existência o invadem. Há uma “insustentável leveza” das práticas pedagógicas, que permite a presença de processos que organizam comportamentos de adaptação/renovação decorrentes das transformações inexoráveis que vão surgindo nas múltiplas mediações/ superações entre mundo e vida. Usando a expressão de Certeau (1994, p. 88), sempre há espaço para a “liberdade gazeteira das práticas”, ou seja, sempre há espaço para invenções no e do cotidiano, e essa porosidade das práticas proporciona múltiplas apropriações de seu enredo e de seu contexto (Franco, 2016, p. 548).

As pessoas brancas, na nossa sociedade marcada por estruturas racistas, historicamente desfrutaram de um conjunto de privilégios e benefícios. Nesse sentido os coletivos de estudantes negros são fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva e plural, que reconheça a diversidade racial e cultural do país e promova a igualdade de direitos para todos. De forma positiva, eles também desafiam as estruturas de poder e os padrões dominantes de conhecimento, questionando o eurocentrismo e o racismo presente na academia e na sociedade como um todo. Segundo Gomes (2017, p. 76) “[...] são responsáveis por retornar a leitura de autoras e autores negros brasileiros e estrangeiros que refletem sobre racismo, feminismo negro, relações raciais e educação, muitos dos quais não tinham suas obras conhecidas nem estudadas nas licenciaturas e bacharelados”.

Uma formação de professores que contemple essa perspectiva pode indicar caminhos para problematizar a monocultura e

indicar caminhos para se pensar em práticas pedagógicas antirracistas. Ao levar uma reflexão crítica a diversidade social e cultural inserida por esses corpos negros que se fazem presentes, além de tensionar e mobilizar olhares de forma positivo ou não, colocando outros corpos em situações de impacto ou de acolhimento, colocando em xeque se realmente esses espaços de formação reconhecem os negros como sujeitos produtores de conhecimento e com direito de ocuparem esses espaços. Segundo Gomes (2017, p. 80) “são esses saberes que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposto pelo racismo. Eles afirmam a presença de ancestralidade negra e africana inscritas nos corpos”.

O Movimento Negro, na concepção de Gomes (2017), através da sua luta por direitos produz saberes que contribuem para a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esses saberes produzidos pelos negros e negras ao longo da sua história de luta, e estruturado pelo Movimento Negro, podem ser trabalhados como ferramentas para contribuição na formação de professores, assim promovendo e efetivando as relações étnico-raciais nos centros de formação, consequentemente aprendizagens para professores e educadores qualificarem suas aulas para uma educação étnico-racial. Para Gomes (2017) os saberes produzidos pelo Movimento Negro têm o poder de subverter a teoria educacional, repensar a escola e descolonizar os currículos.

Entendemos que articulação desses saberes com a formação de professores pode oportunizar momentos formativos baseados em uma pedagogia da emancipação e da diversidade, uma vez que esses saberes “[...] construídos pela comunidade negra e organizados pelo Movimento Negro indagam essa pedagogia reguladora e conservadora” (Gomes, 2017, p. 136). Além disso, podem ajudar a “[...] conhecer e compreender novos processos de produção do conhecimento e outros conhecimentos” assim como pode “pressionar a repensar conceitos, termos e categorias analíticas por meio dos quais os processos educativos dentro e fora da escola têm sido interpretados a racionalidade científico-instrumental” (Gomes, 2017, p. 136-137). O propósito dessa articulação é rever as práticas e as compreensões do processo educacional de modo amplo, e não de maneira restrita a alguma disciplina no curso de formação inicial ou a discussão isolada na formação continuada.

Ultimamente, alguns pesquisadores que trabalham com formação de professores, currículo e história da educação (Veiga,

2000; Canen; Moreira, 1999; Apple, 2001, entre outros) têm se aproximado mais dos estudos sobre negritude e educação, desenvolvendo pesquisas que articulam educação dos negros e memória; currículo e multiculturalismo, formação de professores e diversidade cultural. Tal aproximação faz parte de um movimento interessante que vem ocorrendo na produção teórica educacional sobre relações raciais no Brasil.

Contudo, convém destacar que a questão racial no Brasil é um tema complexo e permeado por desigualdades históricas, que se refletem também no campo da educação. Nesse contexto, a formação de professores se apresenta como um ponto crucial para a promoção da igualdade racial e para o combate ao racismo institucional. É grande a relevância da integração do Movimento Negro Brasileiro na formação de professores, tendo em vista a necessidade de uma abordagem que valorize a diversidade e a cultura afro-brasileira nas práticas pedagógicas.

Gomes (2005) destaca que é importante que os profissionais da educação se disponham a ficar no limite das discussões e que exigem mais reflexões críticas diante das relações raciais e multiculturais, tornando os fatos reais nos variados ambientes da sociedade, não somente no movimento negro, assim como secretarias de educação, centros de formações, sindicatos e também de todo corpo docente e administrativo das escolas.

Para compreender a importância da articulação dos saberes político-epistemológicos e emancipatórios com a formação de professores, recorremos mais uma vez a Gomes (2017; 2020) que destaca que a formação dos professores deve contemplar a diversidade étnico-racial, a fim de garantir uma educação inclusiva e que respeite as diferenças culturais dos alunos. A formação do professor não pode se dar alheia à realidade racial do Brasil, considerando que a escola é um espaço privilegiado de reprodução de discursos racistas.

Não dá mais para dizer que as experiências não existem. Será que temos tido oportunidade e/ou boa vontade de conhecê-las? Será que os órgãos oficiais, os centros de formação de professores, as propostas inovadoras de educação, têm tido o interesse de mapeá-las e divulgá-las? Pensar na inserção política e pedagógica da questão racial nas escolas significa muito mais do que ler livros e manuais informativos. Representa alterar os valores, a dinâmica, a lógica, o tempo, o espaço, o ritmo e a estrutura das escolas (Gomes, 2005, p.152).

Nessa mesma perspectiva, um aspecto para resolver a questão do racismo na educação, seria agir com ética perante as situações racistas que experienciam os professores, como nos atenta Gomes (2006). Não se deve mais continuar ocultando através do currículo escolar que nos cala, reforça estereótipos e determina as diferenças que existem nas escolas com base em práticas discriminatórias, racistas e desiguais.

A escritora Nilma Lino Gomes (2022) tem uma concepção crítica da formação de professores, defendendo a necessidade de uma formação mais reflexiva e conectada com a realidade social e cultural dos educandos. O currículo e os ideais, ainda são tradicionais e muitas vezes prevalece uma formação de professores, que se concentra apenas na transmissão de conteúdos e não considera as questões de gênero, raça, classe e outras diversidades.

É muito importante e fundamental que os professores estejam comprometidos e sensíveis para as desigualdades e injustiças existentes na sociedade, e que tenham a capacidade de possibilitar a inclusão e a valorização das diferenças em suas práticas pedagógicas, nessa concepção o movimento negro tem todo respaldo e legitimidade para lidar com a diversidade étnico-racial. Consequentemente, é muito relevante a formação continuada e o diálogo interdisciplinar na construção de uma prática docente mais crítica e transformadora.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, pode-se perceber as contribuições do Movimento Negro na formação de professores, principalmente no que diz respeito à valorização da cultura afro-brasileira e o combate ao racismo estrutural que ainda persiste em nossa sociedade. Nilma Lino Gomes posiciona os saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo movimento social, questionar e pensar outros modos de descolonizar pensamentos, falas e currículos, para valorização dos conhecimentos oriundos dos povos originários e afrodescendentes e a sensibilização dos educadores, diretores de escolas, secretarias de educação e governos.

Os saberes identitários e políticos do Movimento Negro destacam a importância da representatividade no currículo escolar e ao serem problematizados na formação de professores,

envolve incluir conteúdos que reflitam a diversidade étnico-racial, histórias de luta e resistência negra bem como figuras e eventos relevantes para a comunidade negra, contribuindo assim para uma formação mais inclusiva.

Os saberes políticos do Movimento Negro incentivam a conscientização sobre o racismo estrutural e a discriminação racial e contribui para uma formação de professores comprometida com a justiça social, uma vez que permite abordar questões como racismo, preconceito e privilégio branco.

Os saberes estético-corpóreos desafiam estereótipos prejudiciais relacionados à beleza, cabelo e corpo negro e pode se traduzir em discussões sobre padrões de beleza, autoaceitação e valorização da diversidade física através de debates e reflexões que desconstruam preconceitos e promovam a autoestima dos alunos negros.

É fundamental que a formação docente contemple o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira, bem como ferramentas para lidar com questões raciais em sala de aula. Esses saberes não apenas enriquecem a formação docente, mas também promovem a igualdade, democracia, a valorização das diferentes etnias e culturas, consolidação da identidade negra e construção de uma sociedade mais justa.

Agradecimento e apoio

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

APPLE, Michael Whitman. Políticas de direita e branquitude: a presença ausente da raça nas reformas educacionais. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Autores Associados, n. 16, 2001, p.61-67.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 28-49, jan./jun. 2003.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20

no, %22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias.
Acesso em: 20 set. 2024.

CANEN, Ana; MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, Ano 21, v. 2, n. 38, p. 12-23, 1999.

CONCEIÇÃO, Cauana Peyrot; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; MORAES, Marileia Gollo de. ROSTOS APAGADOS NO SISTEMA DE ENSINO: trajetórias de evasão na escolarização de jovens negras no município de Jóia/RS. *Revista Teias*, [s.l.], v. 22, n. ESPECIAL, p. 256-269, 2021.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. bras. Estud. pedagogo. (online)*, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil. Características e problemas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31 no. 113. out-dez 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. *A atratividade da carreira docente no Brasil*. Estudos e pesquisas Educacionais. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009.

GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do Movimento Negro em tempos de fragilidade democrática. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 360-371, jul. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade Cultural, Currículo e Questão Racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs). *Educação como prática da diferença*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação Relações Raciais: Refletindo Sobre Algumas Estratégias de Atuação. In: MUNANGA. K. (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Saberes das lutas do Movimento Negro Educador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KILOMBA, Grada. Fanon, existência, ausência. In: FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. [s.l.: s.n.], 2008.

NÓVOA, António. *Profissão professor*. Lisboa: Porto Editora, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

RIZZO, Tamiris Pereira.; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da. Do estar à deriva ao aquilombamento: territorialidade e produção de saberes de coletivos negros da UFRJ. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–27, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19413.073. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19413>. Acesso em: 20 set. 2024.

RODRIGUES, Vânia Cristina da Silva. *Atividades Acadêmico-Científico-Culturais nos cursos de Licenciatura em Matemática da UNESP: estratégia de disputa no campo*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

SANTANA, Camila Juliana. *A Importância da Representatividade Negra na Escola através da Literatura pelo viés da Comunidade e Professores da Região Sul do Brasil*. Orientadora: Luisa da Silva Hidalgo. 2021. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão - RS, 2021.

SHULMAN, Lee. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. *Profesorado*, Revista de Currículum y Formación del Profesorado, v. 9, n. 2, p. 1-30, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=56790202>. Acesso em: 20 set. 2024.

SHULMAN, Lee. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, [s.l.], v. 57, p. 1–22, 1997.

SHULMAN, Lee. Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, [s.l.], v. 15, p. 4-14, 1986.

TARDIF, Maurice. *Saberes docente e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola de alma branca: o direito biológico à educação no movimento da Escola Nova. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, set., p.123-150, 2000. Edição especial.

Submetido em: 10 de dezembro de 2024
Aceito em: 28 de fevereiro de 2025